

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

WILLIAM TAVARES DE LIRA

**O SIGNO LINGUÍSTICO E REDES SOCIAIS: A CONSTRUÇÃO DO TEXTO E
SUAS REPRESENTAÇÕES NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

**GILBUÉS-PI
2025**

WILLIAM TAVARES DE LIRA

**O SIGNO LINGUÍSTICO E REDES SOCIAIS: A CONSTRUÇÃO DO TEXTO E
SUAS REPRESENTAÇÕES NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho

GILBUÉS-PI

2025

WILLIAM TAVARES DE LIRA

**O SIGNO LINGUÍSTICO E REDES SOCIAIS: A CONSTRUÇÃO DO TEXTO E
SUAS REPRESENTAÇÕES NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Wilton Ribeiro de Carvalho – NEAD/UESPI
Presidente

Prof. Dra. Maria Suely de Oliveira Lopes
Primeira Examinadora

Prof. Dra. Márcia do Socorro da Silva Pinheiro
Segunda Examinadora

Dedico esse trabalho a minha mãe (em memória) que sempre considerou a educação como a única e verdadeira riqueza. Tudo que sou e conquistei até hoje é consequências de seus esforços para me tornar uma pessoa íntegra e honesta. Obrigado, mãe por tudo!

AGRADECIMENTOS

Aos professores e tutores, em especial a tutora presencial, professora Katia e a Tutora a distância, professora Thais pelo afinco e presteza na condução das atividades durante esses quatro anos.

Aos colegas do curso que vivenciaram os mesmos dilemas, agonias, mas também alegrias em muitos momentos.

Ao professor Francisco Wilton de Carvalho, sempre prestativo em suas orientações.

A todos os professores que fizeram diferença nessa longa jornada educacional.

“Escrever deve ser uma necessidade, como o mar precisa das tempestades - é a
isto que eu chamo respirar”.

Anaïs Nin

RESUMO

O ensino nas escolas, de maneira em geral, tem como umas de suas características a capacidade de se adequar as mudanças que ocorrem, de forma natural, no decorrer dos anos. Desse modo, sendo o ensino de língua portuguesa parte dessa estrutura maior de ensino, não se pode deixar de levar em consideração os novos contextos onde a estrutura educacional se insere, incluindo, obviamente, as novas ferramentas, a partir das quais o ensino e a aprendizagem se desenvolvem. Um desses novos contextos é o universo das redes sociais onde a palavra escrita ou falada pode se manifestar a partir de diversas conotações. Nesse sentido, quando a palavra escrita ou falada aparece envolta de simbologias, o estudo dos signos torna-se uma necessidade, levando-nos a uma reflexão sobre a forma e o objetivo dos discursos difundidos nas redes sociais. Assim, podemos afirmar que a natureza desse trabalho parte, a princípio, das representações que um texto pode ter para formação de um leitor. Evidentemente, trataremos dessas representações, de forma específica, no contexto das redes sociais. Partindo dessa abordagem teórica inicial, a problemática central que norteia o desenvolvimento desta pesquisa será: como facilitar a interpretação do discurso nas redes sociais, a partir do estudo dos signos? Essa problemática central suscita outros questionamentos que podem ajudar a consolidar algumas ideias. Esses questionamentos são postos da seguinte forma: de que maneira as mídias sociais potencializam a introdução dos signos linguísticos nas relações interpessoais, muitas vezes determinando comportamentos? Indo mais além, como a prática educacional pode se integrar num universo onde os signos se utilizam dos meios de comunicação de massa para construir discursos carregados de simbologias? A partir desses questionamentos, podemos lançar o seguinte objetivo desse trabalho: Examinar a construção do texto nas redes sociais, a partir do estudo dos signos linguísticos. Por último, esperamos que ao final dessa pesquisa, esperamos que, além de responder as provocações em destaque nesse resumo, possamos também fomentar novas reflexões sobre essa temática, facilitando, inclusive, novas pesquisas.

Palavras-chave: Discurso; signos; comunicação; mídias sociais; educação.

ABSTRACT

One of the characteristics of school education, in general, is the ability to adapt to changes that occur naturally over the years. Therefore, since Portuguese language teaching is part of this larger teaching structure, one cannot fail to take into account the new contexts in which the educational structure is inserted, including, obviously, the new tools from which teaching and learning develop. One of these new contexts is the world of social networks, where the written or spoken word can manifest itself in a variety of connotations. In this sense, when the written or spoken word appears surrounded by symbolism, the study of signs becomes a necessity, leading us to reflect on the form and purpose of discourses disseminated on social networks. Thus, we can state that the nature of this work starts, in principle, from the representations that a text can have for the formation of a reader. Obviously, we will deal with these representations, specifically, in the context of social networks. Based on this initial theoretical approach, the central problem that will guide the development of this research will be: how can we facilitate the interpretation of discourse on social media, based on the study of signs? This central problem raises other questions that can help to consolidate some ideas. These questions are posed as follows: in what way do social media enhance the introduction of linguistic signs in interpersonal relationships, often determining behaviors? Going further, how can educational practice be integrated into a universe where signs are used in mass media to construct discourses loaded with symbolism? Based on these questions, we can launch the following objective of this work: to examine the construction of text on social media, based on the study of linguistic signs. Finally, we hope that by the end of this research, in addition to responding to the provocations highlighted in this summary, we can also foster new reflections on this topic, even facilitating new research.

Keywords: Speech; signs; communication; social media; education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	SIGNO LINGÜÍSTICO: ASPECTO CONCEITUAL E TEÓRICO	12
2.1	Saussure e a natureza do signo linguístico	12
2.2	Signo, objeto e interpretante: os elementos teóricos e conceituais de Peirce	14
2.3	Bakthin e a filosofia do signo ideológico	16
3	REDES SOCIAIS E O SIGNIFICADO CONTEXTUAL DO DISCURSO MIDIÁTICO.....	19
3.1	A internet e suas revoluções	19
3.2	Pressupostos teóricos elementares do discurso	21
3.2.1	A construção social do discurso	22
3.2.2	A palavra objetivada como signo ideológico	24
4	REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A PRODUÇÃO TEXTUAL NO CONTEXTO DAS NOVAS MÍDIAS.	27
4.1	A produção de texto a luz da BNCC.....	27
4.2	A formação do leitor e as representações do texto no universo das redes sociais.....	32
4.2.1	A formação do leitor.....	32
4.2.2	As representações do texto para o leitor no universo das redes sociais.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O advento das redes sociais proporcionou uma série de reflexões a respeito das relações interpessoais. Muitas dimensões humanas foram afetadas de uma forma ou de outra, a partir do advento dos chamados meios de comunicação de massa. O surgimento desses meios de comunicação de massa, principalmente aqueles que têm sua origem vinculada à internet, superaram barreiras grupais e geográficas com muito mais facilidade e eficiência. Nesse contexto, o estudo teórico da linguagem, bem como sua aplicação prática revela um dimensionamento bem maior no processo de construção das relações interpessoais. Nesse novo cenário onde o discurso veicula quase sem restrição, o signo linguístico, como objeto de estudo da linguística, torna-se uma ferramenta básica para a análise do discurso reproduzido nos diversos meios de comunicação.

Assim, levando em consideração os questionamentos mencionados anteriormente no resumo, algumas reflexões fazem-se necessário para aqueles que buscam, de uma forma ou de outra, as redes sociais como ferramentas de suporte para o ensino. Lembremos que um desses questionamentos é como a prática educacional pode se integrar num universo onde os signos se utilizam dos meios de comunicação de massa para construir discursos carregados de simbologias? Outra questão que se faz necessário enfatizar, é que, refletir sobre esse processo de virtualização do uso da linguagem, leva-nos a compreender melhor o corpo teórico de estudos linguísticos e consequentemente do texto como signo linguístico. Não podemos esquecer que muitas vezes, o sentido da língua e o sentido do discurso correm para um único ponto.

Esse panorama leva-nos a problemática central dessa pesquisa, ponto de partida para o desenvolvimento teórico dos três capítulos que vêm a seguir. Desse modo, podemos sintetizar essa problemática da seguinte forma: como facilitar a interpretação do discurso nas redes sociais, a partir do estudo dos signos? Essa problemática central suscita outros questionamentos que podem ajudar a consolidar algumas ideias. Assim, não podemos deixar de refletir sobre os modos pelos quais as mídias sociais potencializam a introdução dos signos linguísticos nas relações interpessoais, muitas vezes determinando comportamentos. Ou como a prática educacional pode se integrar num universo onde os signos se utilizam dos meios de comunicação de massa para construir discursos carregados de simbologias?

Esse último questionamento, inclusive, pode ajudar a conectar essa pesquisa com a Base Nacional Curricular (BNCC). Esse documento também discute a utilização das tecnologias digitais como ferramentas da prática educacional. Desse modo, a Base Nacional Comum Curricular contempla o desenvolvimento de competências relacionadas ao uso crítico e responsável das tecnologias digitais da seguinte maneira:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018)

A BNCC é enfática e bastante clara quando trata da utilização das tecnologias digitais como ferramentas da prática educacional. Nesse sentido, ela considera essas ferramentas como parte integrante da vida das pessoas. Além disso, é importante salientar que a BNCC (2018) trata da inserção das tecnologias digitais com muito cuidado e de forma muito racional. As palavras utilizadas em seu texto deixam claro que a comunicação é o objeto central dessas tecnologias digitais, por isso precisa ser utilizada de forma crítica, significativa, reflexiva e ética. A BNCC de Computação: Complemento a BNCC, tem como um de seus eixos a cultura digital. Esse eixo tem como foco “oferecer aos estudantes meios para adquirir um real letramento digital, sendo capazes de compreender e analisar os impactos da computação na sociedade. Entram neste eixo discussões políticas éticas e sociais” (Brasil, 2018). Contudo, seria interessante se esse eixo especificasse esses meios para adquirir esse real letramento digital. Por isso, apresentaremos nesse trabalho o signo linguístico como ferramenta para ajudar o leitor no processo de decodificação de intenções embutidas nos discursos que utilizam esse espaço de comunicação aberta.

Diante da problemática e dos questionamentos expostos de forma clara à cima, não podemos deixar de apresentar nessas linhas o propósito dessa pesquisa que se condensa no objetivo geral e nos objetivos específicos. Desse modo, formulamos o seguinte objetivo geral: Examinar a construção do texto nas redes sociais, a partir do estudo do signo linguístico. Quanto aos objetivos específicos, foram sintetizados da seguinte forma: Abordar os aspectos teóricos e conceituais do

signo linguístico; discutir sobre as redes sociais e o significado contextual do discurso midiático; debater sobre a formação do leitor e as representações do texto no universo das redes sociais.

Por fim, é importante enfatizar que essa pesquisa tratou-se de uma pesquisa bibliográfica a respeito do signo linguístico e das redes sociais. Teve como foco central a formação do leitor a partir da construção dos textos, falados ou escritos no universo das mídias sociais. Classificando-se como uma pesquisa bibliográfica, buscamos como fontes de apoio para desenvolver esse trabalho, os principais teóricos da linguista moderna: Ferdinand Saussure, Charles Sanders Peirce e Mikhail Bakthin. Serviram de base teórica também, *A análise do discurso* de Michel Foucault (2006), o estudo filosófico sobre o espaço das redes sociais de Pierre Levy (1999), a análise do Signo linguístico, a partir dos estudos de Santaella, (2010), entre outros.

2 SIGNO LINGUÍSTICO: ASPECTO CONCEITUAL E TEÓRICO

O objeto central dessa pesquisa como deixamos claro em seu título, é a construção do texto e suas representações na formação do leitor. No entanto, essa análise será realizada apenas num contexto das redes sociais. Desse modo, não poderíamos fazer essa contextualização sem termos a noção do conceito e matéria do signo linguístico. Assim, sendo essa pesquisa na área da linguística, não poderíamos iniciar de outra forma, senão pela análise do aspecto conceitual e teórico do signo linguístico. Portanto, a edificação desse capítulo partirá de três abordagens: Ferdinand Saussure, Charles Sanders Peirce e Mikhail Bakthin.

2.1 Saussure e a natureza do signo linguístico

A ideia básica que podemos ter de signo linguístico surge a partir de teorias que foram formuladas com o propósito de explicar, não apenas o funcionamento da linguagem em si, mas principalmente, compreender o significado das palavras para permitir a comunicação entre as pessoas. Um dos primeiros teóricos a utilizar o signo linguístico como objeto de estudo e a formular conceitos sólidos, foi o linguista Suíço Ferdinand Saussure, um dos grandes colaboradores no processo de organização da linguística como ciência autônoma.

Saussure elaborou os primeiros conceitos sobre o signo linguístico e a partir de seus estudos, surgiram outras concepções que contribuíram para sustentar às teorias que compõem a linguística. Poderíamos iniciar esse capítulo fazendo uma abordagem mais específica sobre a diferença entre língua e linguagem, tema tratado no capítulo 3 de sua obra *Curso de logística Geral*. Talvez, partindo desse ponto, o entendimento sobre as concepções básicas do signo linguístico poderia ser absorvido com mais facilidade. Contudo, partiremos direto do arcabouço teórico da natureza do signo linguístico, até porque precisamos adentrar ainda nas duas abordagens que foram sugeridas nesse capítulo.

Partindo dessa exposição inicial, é importante enfatizar que Saussure, ao discorrer sobre signo, significado e significante faz, a princípio, uma crítica à maneira que certas pessoas relacionavam esses três termos. Para Saussure (2006): “A concepção de que a língua, reduzida ao seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas

coisas”, é criticável. Saussure, em seu esforço para solidificar seu arcabouço teórico, utiliza a palavra “simplista” para caracterizar a forma com a qual certas pessoas utilizam a língua para fazer a relação entre a coisa em si e a ideia que se forma dessa coisa.

Vamos então ao ponto central do pensamento saussuriano a respeito da concepção de signo linguístico. Desse modo, ao caracterizar o signo linguístico, Saussure detalha a relação da coisa e da palavra da seguinte maneira:

‘
O signo linguístico une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chagamos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (Saussure, 2006, p. 80).

Essa relação da coisa com a palavra a qual Saussure detalha para formar a concepção de signo linguístico parece ter um pouco de inspiração na teoria das ideias de Platão. Lembremos que na teoria do filósofo grego, as coisas que eram perceptíveis pelos sentidos, na realidade eram apenas uma cópia do objeto verdadeiro que ficava num plano superior. Assim, aquilo que seria perceptível pelos nossos sentidos, nada mais é do que uma mera cópia. Em Saussure, o ponto que une signo, significado e significante também é abstrato, ou seja, é o conceito que une a palavra e não o objeto material.

Como podemos observar, esse constructo teórico sobre signo linguístico elaborado por Saussure não é de fácil compreensão. Os termos empregados necessitam de um esforço mental para chegarmos ao verdadeiro significado de signo linguístico. Em seu esforço para simplificar o tanto quanto possível, Saussure define Signo linguístico como “entidade psíquica de duas faces”. Ele as caracteriza como conceito e imagem acústica. No entanto, para Saussure (2006), essa caracterização “suscita uma importante questão de terminologia”, causando ambiguidade. Desse modo, o linguista tenta simplificar da seguinte maneira:

A ambiguidade desaparecia se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionassem entre si, ao mesmo tempo em que se opõem. Propomo-nos conservar o termo signo para designar o total, e a substituir o conceito imagem acústica

respectivamente por significado e significante; estes dois termos tem a vantagem de assimilar aposição que os separa entre si, quer do total de que fazem parte (Saussure, 2006, p. 81).

Com essa iniciativa, Saussure apresentou uma ideia mais simples sobre o conceito de signo linguístico. E de fato, quando absorvemos o conceito, mesmo que superficial, desses dois termos, a compressão da dimensão conceitual do signo é abstraída com mais facilidade. Afinal, qual seria a dificuldade em entender de que o significado é a ideia presente apenas no pensamento e o significante é parte material ou concreta do signo?

Essa abordagem inicial sobre a natureza do signo linguístico alicerça a exposição das teorias conceituais do Charles Sandes Peirce e do Russo Mikhail Bakhtin. Esses dois estudiosos da linguagem, juntamente com Saussure, formam o eixo central desse primeiro capítulo.

2.2 Signo, objeto e interpretante: os elementos teóricos e conceituais de Peirce

Antes adentrarmos no arcabouço teórico do pensamento de Charles Peirce sobre o signo, é importante enfatizar a diferença entre a linguística teorizada por Saussure e o entendimento que Peirce tem sobre a semiótica. Na linguística, o objeto que referencia o signo é a palavra quando na semiótica essa referência é bem mais ampla, já que também se considera símbolos, sinais ou qualquer outra coisa que signifique algo. Outra questão que é importante entendermos é de que existe uma tricotomia na gênese conceitual da teoria Peirciana, onde o objeto e interpretante formam uma relação triangular com o signo. Desse modo, não podemos isolar o signo e tentarmos defini-lo sem a complementação dos outros dois. Essa ligação simbiótica pode ser observada em sua principal obra:

Um signo ou representamem, é aquilo sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomina interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, o objeto (Peirce, 2000, p. 46).

Nota-se nesse trecho que ao definir o signo, Peirce referencia seu conceito ao interpretante e ao objeto. Assim, entender essa ligação é tão importante quanto

saber que o signo é a representação de algo. Mas retornando ao conceito básico do signo e sem esquecer-se da ligação tricotômica com o objeto e interpretante, a ideia central a qual não podemos fugir é a de que seu conceito não termina em si mesmo, mas a “qualquer coisa que conduz a uma outra coisa a referir-se a um objeto a qual ela mesma se refere, de modo idêntico, transformando-se o interpretante. Por sua vez, em signo, e assim sucessivamente” (Peirce, 2000, p. 74).

Essa ideia elaborada por Peirce deve, segundo ele mesmo, ser “entendida num certo sentido platônico”. Assim ele explica:

...dizemos que um homem pegou a ideia de um outro homem; em que quando um homem relembra o que estava pensando anteriormente, relembra a mesma ideia, e em que, quando um homem continua a pensar alguma coisa, digamos por um décimo de segundo, na medida em que o pensamento continua conforme consigo mesmo durante esse tempo, isto é, a ter um conteúdo similar, é a mesma ideia e não, em cada instante desse intervalo, uma nova ideia (Peirce, 2000, p. 46).

Retornemos ao tópico anterior quando foi dito que Saussure ao detalhar a relação da coisa com a palavra, na formulação da concepção de signo linguístico, parecia ter um pouco de inspiração na teoria das ideias de Platão. Aqui em Peirce essa percepção é bem mais clara, alias, não é apenas uma percepção, já que no texto, o próprio Peirce faz uma referência entre os elementos teóricos da semiótica e a teoria das ideias de Platão. Ainda poderíamos adicionar, para efeito de comparação, os elementos da dialética hegeliana: tese, síntese e antítese. Assim, a tese seria a ideia original ou o signo que daria origem a outro signo, a qual denominaríamos de síntese. Por fim, teríamos a antítese, uma nova ideia formada a partir dessa atividade de abstração.

Esse exercício comparativo não é por acaso, já que estamos falando de um dos grandes renovadores da filosofia clássica e é natural que suas teses no campo da semiótica tivessem, também, alguma base filosófica. Enfim, ainda poderíamos alongar um pouco mais esse tópico ampliando as discussões a respeito do objeto e do interpretante, elementos constitucionais do signo. No entanto, não há essa necessidade, já que o intuito aqui é discorrer sobre a estrutura conceitual do signo, a partir da teoria semiótica. Desse modo, a presença desses dois elementos no título desse tópico pode ser explicada somente pela relação simbiótica com signo. No último tópico desse capítulo, abordaremos sobre o signo como sinal socioideológico

a partir Bakthin.

2.3 Bakthin e a filosofia do signo ideológico

Nesse último tópico, a análise conceitual do signo linguístico será feita a partir de uma perspectiva bem diferente das duas primeiras, onde Saussure e Peirce preocuparam-se, a princípio, com a concepção original do signo. Não que Mikhail Bakthin não tenha se preocupado, também, com essa questão, mas não foi o seu ponto central. Em outras palavras, Bakthin tratou mais especificamente de uma característica do signo do que mais propriamente do seu conceito. Contudo, antes de entrarmos no cerne do seu pensamento sobre a filosofia da linguagem ao que desrespeita o signo, em *Marxismo e Filosofia da linguagem* (2006), Bakthin afirmou que "converte-se em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade, passa a refletir, a refratar, numa certa medida, numa outra realidade" (Bakthin, 2006, p. 29). Percebemos aqui, de forma bem clara, que o linguista russo não relaciona o signo ao conceito original ou o referencia a um objeto físico, como discorreu Peirce. Aqui ele utiliza o termo realidade. Assim, notamos que seu pensamento, parte de uma concepção conceitual do signo que vai além dos objetos naturais como podemos observar a seguir;

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode torna-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico (Bakthin, 2006, p. 30).

Esse fragmento separado de sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006) representa sua base teórica central do estudo da semiótica e naturalmente do signo linguístico. Assim, para Bakthin (2006), o estudo do signo está intrinsecamente ligado à ideologia. Para ele "tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia" (Bakthin, 2006, p. 29). Como podemos observar, no processo de

socialização humana e consequentemente da dimensão comunicativa, o signo, na concepção de Bakthin, é ferramenta necessária para dinamizar as práticas sociais humanas. Aliás, o conceito teorizado por Bakthin nunca foi tão dependente do plano existencial humano, chegando ao ponto de não apenas retratar a realidade, mas também de distorcê-la.

Ainda vale ressaltar que apesar de o signo não representar somente objetos nesse contexto da teoria de Bakthin, mas a realidade, fundamentalmente, sua compreensão teórica “consiste em aproximar o signo aprendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meios de signos” (Bakthin, 2006, p. 32). Quando comparamos as teorias conceituais sobre o signo aqui abordadas anteriormente, podemos encontrar algum paralelo, principalmente com a ideia de Peirce, quando este define o signo como qualquer coisa que conduz a uma outra coisa a referir-se a um objeto a qual ela mesma se refere, de modo idêntico, transformando-se o interpretante. Por sua vez, em signo, e assim sucessivamente.

Por fim, não poderíamos deixar de analisar o lugar da palavra na teoria semiótica de Bakthin, mesmo porque ela é objeto central nas discussões dos capítulos que se seguirão dessa pesquisa. Também não podemos esquecer que para Bakthin tudo que é ideológico é um signo e sem signo não existe ideologia. Nesse contexto, a palavra tornou-se um objeto indispensável em sua teoria e assim ele a define:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (Bakthin, 2006, p. 34).

Essa definição da palavra elaborada por Bakthin é importante, não apenas para que ele possa fundamentar melhor a relação do signo com a ideologia, mas também para que já possamos ter uma ideia sobre seu peso no processo de criação e difusão do discurso escrito ou falado no contexto das redes sociais. Afinal, segundo Bakthin (2006) é a “palavra que molda as relações sociais, tornando-se uma ferramenta única como fenômeno ideológico” e como bem ele a descreve: “a palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (Bakthin, 2006, p. 36).

Esperamos, ao final desse primeiro capítulo, que os conceitos abordados sobre o signo linguístico tenham sido explorados de forma clara e abrangente, já que nessas páginas iniciais tivemos a preocupação de explorar três vertentes conceituais diferentes com o intuito de ampliar o tanto quanto possível nossos conhecimentos sobre a dimensão conceitual do signo linguístico. Desse modo, acreditamos que essa discussão inicial possa despertar ainda mais o desejo do leitor para se aprofundar nesse vasto campo da semiótica e, mais especificamente, no fascinante campo da linguística.

3 REDES SOCIAIS E O SIGNIFICADO CONTEXTUAL DO DISCURSO MIDIÁTICO

Nesse capítulo, discutiremos sobre o significado contextual do discurso midiático dentro do universo das redes sociais. Desse modo, precisamos entender dois aspectos importantes: a dinâmica de funcionamento dos modernos meios de comunicação de massa, principalmente daqueles que denominamos de redes sociais e a caracterização da palavra como signo linguístico. A palavra, obviamente, será analisada por meios dos discursos, falados ou escritos, propagados pelos meios de comunicação de massa já mencionados nesse parágrafo. Quanto à dinâmica de funcionamento das redes sociais, precisamos entender como funciona a internet e os seus veículos de propagação do discurso. Esse enfoque inicial na internet se faz necessário em decorrência de dois motivos específicos: primeiro, porque as redes sociais é parte central da temática dessa pesquisa. Segundo, porque a análise no discurso proposta nesse trabalho será feita no contexto das redes sócias, como enfatizamos em vários momentos. Portanto, iniciaremos essa abordagem pela a análise do veículo e em seguida discutiremos sobre o objeto, nesse caso, o discurso.

3.1 A internet e suas revoluções

A internet foi uma das maiores invenções tecnológica da história da humanidade. Com o advento do computador de mesa, tablets e telefones móveis, a internet se tornou um poderoso e eficiente instrumento comunicacional capaz de moldar vidas e pensamentos. Distâncias foram encurtadas ao mesmo tempo em que as relações tornaram-se cada vez mais superficiais. Em seus domínios, os mais variados temas são discutidos: educação, política, economia, religião, segurança, corrupção, enfim, tudo de uma forma que pareça natural e sólido ao mesmo tempo. As relações vão se entrelaçando e sendo conduzidas por um espaço, se antes desconhecido, agora bem presente nos mais variados meios interpessoais.

Pierre Levy, filósofo contemporâneo, em sua obra *Cibercultura* (1999), vai tratar sobre esse universo onde as pessoas passaram a pertencer, ao mesmo tempo em que as relações interpessoais vão se reconfigurando. Nesse contexto, o conceito de ciberespaço é de significativa relevância para ajudar na compreensão dos novos padrões interativos que se constroem apenas em realidades virtuais. Na descrição

de Levy, “a palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica Necromante” (Levy, 1999, p. 102). “Nesta obra o termo é designado como universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (Levy, 1999, p. 102).

A descrição abordada aqui por Gibson está longe de retratar aquilo que esse universo se tornou. A internet se popularizou e ferramentas como Faceboock, X, antigo Twitter e Whatsapp, modificaram a maneira como as pessoas se relacionam. O próprio Levy irá redefinir o ciberespaço como um “espaço de comunicação aberto” (Levy, 1999, p. 92). Vivemos num mundo onde tudo está conectado e quase não há limites no campo da comunicação. A internet é o canal onde tudo flui e onde o ser humano passou a se realizar como agente interativo. Nesse universo, ao mesmo tempo em que o sistema comunicacional evoluiu, as relações entre as pessoas se reestruturaram, não havendo mais a necessidade de um plano físico para acontecer à convergência entre indivíduos.

Essa nova fronteira econômica e cultural abriu um leque de possibilidades, tornando as relações cada vez mais pessoais. No espaço de “comunicação aberta” como definiu Levy, o ciberespaço, o mundo já não parece tão grande e os círculos de interações são reforçados por uma gama de situações que aproximam pessoas de posições diferentes, sejam geográficas ou sociais.

Esse processo interativo caracterizado pelas palavras de ordem: “interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva” (Levy, 1999, p. 122), não deixa de produzir efeitos, muitas vezes antagônicos. A internet criou um paradoxo que gera algumas reflexões no âmbito da sociologia, antropologia e filosofia. Tem-se muito e pouco ao mesmo tempo; muita informação e pouco conhecimento. Nessa ânsia por mais e mais informação, o homem está esquecendo de que o conhecimento é uma prerrogativa necessária na busca constante por autonomia, seja ela social ou política. Se vivemos todos numa era digital, também é a era da reprodução de ideias e pensamentos.

Consequentemente essa virtualização das relações sociais requer uma melhor compreensão dessa dinâmica interativa e que aos poucos vai tomando cada vez mais corpo e reorientando a posição do homem como ser social. Nas palavras do filósofo francês, é o real, é a história se construindo diante dos nossos olhos. A partir de uma visão mais alargada e ao mesmo tempo otimista, Levy dimensiona

bem a inserção dos computadores e das redes na vida das pessoas.

Por meio dos computadores e das redes, as pessoas mais diversas podem entrar em contato, dar as mão ao redor do mundo. Em vez de se construir com base na identidade dos sentidos, o novo universal se realiza por imersão. Estamos todos no mesmo banho, no mesmo dilúvio de comunicação. Não pode mais haver, portanto, um fechamento semântico ou uma totalização (Levy, 1999, p. 126).

As pessoas não apenas se comunicam a partir da internet, nesse ambiente as relações também se tornam pessoais, passamos a compartilhar em nossos perfis o nosso cotidiano, fotos, frases, ideias, pensamentos. Muitos aspectos de nossas vidas estão ali. Apresentamo-nos todos os dias para estranhos que em pouco tempo já começam a fazer parte do nosso universo. Como podemos observar, a maior revolução que a internet trouxe foi aquela direcionada para a estrutura das relações humanas. Essas relações não se constroem mais a partir de um plano físico, mas, sobretudo, mediante a disposição que cada indivíduo tem de se abrir para esse processo de virtualização edificado pela internet.

Essa pesquisa traz dados que vão além do estudo da internet como veículo de condução de ideias, ou nesse caso, do discurso. Esses dados trazem também a percepção de que a internet é um terreno estruturado, a partir do qual, a palavra é potencializada, tornando-se um poderoso instrumento ideológico. Nesse caso é o signo se reconfigurando e se utilizando de um veículo com capacidade ilimitada de propagar ideias de forma escrita ou falada. Alias, no tópico seguinte, precisamos analisar o discurso não apenas como elemento linguístico, mas como ferramenta difusora de ideias. Evidentemente, restringiremos a utilização do discurso como objeto restrito do universo das redes sociais.

3.2 Pressupostos teóricos elementares do discurso

A linguística é um campo vasto do estudo da linguagem humana. Durante muito tempo, devido a aspectos evolutivos da dimensão social interativa, a linguagem era estudada levando em consideração apenas o plano físico. Com o surgimento dos meios de comunicação de massa, ampliou-se o campo de estudo da linguística e desse modo, as análises teóricas, que têm como objeto a linguagem e os seus mecanismos, precisam de uma releitura. Levando em consideração esses

novos aspectos do estudo da linguagem, discutiremos a seguir alguns estudos do texto, referenciando-o seu desenvolvimento como dispositivo relacionado ao universo das redes sociais. Para isso, trataremos essa questão a partir de duas investigações teóricas: A ordem do discurso de Michel Foucault e o estudo da palavra como signo ideológico realizado por Bakthin.

3.2.1 A construção social do discurso

Iniciaremos essa análise da construção textual partindo de uma discussão proposta pelo francês Michel Foucault na aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 5 de dezembro de 1970. Nessa aula ele utilizou um manuscrito que foi intitulado *A ordem do discurso* (2006). O objeto central em destaque é o discurso e como ele mesmo o define: “O discurso é socialmente construído e socialmente legitimado. O discurso é aquilo pelo que se luta; é o poder pelo qual nós queremos nos apoderar” (Foucault, 2006, p. 10). Assim, quando se leva em consideração uma perspectiva relacional em que as novas mídias estabelecem ou constroem as relações de poder na estrutura de convívio social humano, discutir Foucault torna-se não apenas relevante, mas também atual.

Partindo dessa perspectiva onde a palavra é o signo que constrói um signo maior, nesse caso, o discurso, evoquemos uma indagação utilizada por Foucault com a finalidade de discutir o perigo da palavra numa ordem relacional: “Mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato e as pessoas falarem e seus discurso proliferarem indefinidamente? Onde afinal está o perigo” (Foucault, 2006, p. 8). Podemos discutir esse questionamento sob dois aspectos: veiculação e significado. Obviamente, quando esse texto foi escrito, as redes sociais ainda não faziam parte das discussões a respeito do processo interativo e de suas vias de condução. Hoje, a temática que envolve o discurso e redes sociais ganhou força em debates políticos, principalmente. Isso se deve, a princípio, a facilidade de propagação que tem as redes sociais. Por outro lado, a contextualização dos discursos, devido às vários aspectos é acessada pelo leitor que confunde, muitas vezes, o seu significado. E aqui está o perigo, o não entendimento da real intenção por trás de uma palavra ou de um discurso inteiro.

A partir dessa base introdutória de *A ordem do discurso* (2006), podemos perceber, ainda sem aprofundar em sua conjuntura teórica, que a construção social

do discurso tem uma ligação estreita com o poder. Ainda em suas linhas iniciais, Foucault expressa essa afirmação da seguinte maneira:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2006, p. 8,9).

Esses procedimentos nunca são neutros, por mais que pareçam, muitas vezes, não ter intenção alguma. Assim, eles encontram nas redes sociais o terreno perfeito para se propagarem e exercerem sua principal função, segundo Foucault (2006): “dominar seu acontecimento e esquivar sua pesada e terrível materialidade”. Essa discussão nos leva a refletir sobre outro aspecto do discurso que é a intenção. A cima, discutimos sobre a veiculação e significado, mas tão importante quanto essas duas dimensões é a intenção e assim ele a relaciona com o discurso:

O discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso é verdadeiro, o que está em jogo se não o desejo de poder (Foucault, 2006, p. 20).

Observamos que a questão da intenção do discurso é um debate que antecede o surgimento dos novos meios de comunicação. Com as ferramentas que surgiram com a internet, principalmente aquelas que têm como objetivo a interação humana, a preocupação com a veracidade do conteúdo tornou-se objeto de debates entre os diferentes meios de convivência social. O poder como intenção maior do discurso está claro, segundo Foucault em seu exercício de reflexão sobre o discurso. No entanto, o que é dito hoje nas redes sociais nem sempre é de fácil entendimento e a educação formal ainda não preparou seus alunos para interpretar os contextos por traz dos discursos. Dito isso, é preciso ter clareza do que realmente é o discurso e como podemos relacioná-lo com o signo. Na Ordem do discurso, encontramos a seguinte descrição:

O discurso nada mais é do que um jogo, de escritura no primeiro caso, de leitura no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante (Foucault, 2006, p. 49).

Essas três dimensões do discurso levanta uma série de reflexões que enriquecem o debate o qual estamos fomentado nesse capítulo. Assim, quando aceitamos o fato do discurso ser, em sua primeira ordem um jogo de escritura, entendemos que ele foi pensado e nesse caso, sempre tem um propósito. Seguindo nessa linha de raciocínio, a escrita ou fala não teria sentido se não pudessem ser lida, no caso da escrita ou ouvida, em referência a fala. Essas duas dimensões seriam os caminhos através dos quais o discurso se propagaria. Lembremos que essa análise a qual Foucault faz sobre o discurso tem uma certa limitação quando considerarmos o fator veiculação. No universo das redes sociais, muito provavelmente, aquelas interdições teorizadas pelo francês precisariam ser redefinidas e o discurso descrito “como aquilo pelo que se luta, o poder pelo qual nós queremos nos apoderar”, tornar-se-ia uma ferramenta muito mais poderosa.

Concluímos nossas considerações sobre a ordem do discurso de Foucault por aqui. No próximo tópico, faremos uma análise da teoria de Bakthin sobre a palavra. Esse dois olhares são fundamentais para que possamos compreender a questão do discurso como signo linguístico e da palavra como um signo de comunicação.

3.2.2 A palavra objetivada como signo ideológico

Já discutimos nessa pesquisa na seção que trata do conceito do signo a questão da palavra com o signo linguístico. Lembremos que para Bakthin “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (Bakthin, 2006, p. 34). Assim, em tempos onde boa parte do exercício da fala ocorre no universo das redes sociais e, naturalmente, tornou-se um terreno onde as ideologias movimentam a engrenagem das relações sociais, achamos oportuno resgatar a discussão que envolve a palavra como signo ideológico. Obviamente, nesta seção tentaremos complementar o debate no tópico anterior, quando discutimos sobre a construção social do discurso.

Disto isto, iniciaremos essa discussão não mais pelo conceito, mas pela estrutura semiótica da palavra. Desse modo, Bakthin descreve essa estrutura da seguinte forma:

O valor exemplar, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já nos

deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias. É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas gerais da comunicação semiótica (Bakthin, 2006, p. 34,35).

A análise dessa descrição realizada por Bakthin sobre a palavra revela a importância dada a essa unidade da língua escrita ou falada. Nesse sentido, ele a descreve como signo excepcional dentro da estrutura semiótica. Assim, a palavra não apenas tem uma ligação com as ideologias, mas é caracterizada, sobretudo, como o próprio fenômeno ideológico. Entretanto, precisamos esclarecer que, segundo Bakthin, existe uma diferença entre a palavra e os demais signos. Assim ele explica que os demais sistemas de signos “é específico de algum campo particular da criação ideológica”. A palavra, no entanto, “ao contrário é neutra em relação a qualquer função ideológica específica” (Bakthin, 2006, p.35). Nesse caso, ela pode preencher qualquer função ideológica: estética, científica, moral e religiosa.

Entretanto, esse viés ideológico da palavra só pode ser compreendido em toda sua plenitude, caso abordemos outro fator dessa unidade linguística que seria a análise da língua como signo social. Podemos assim constatar essa afirmação no seguinte trecho da obra em análise:

É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como instrumento da consciência. É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior (Bakthin, 2006, p. 36).

Essa análise que Bakthin faz sobre a palavra e como ele mesmo ressalta, aguda e profunda, instiga uma análise também profunda do leitor. Nessa análise, percebemos que a palavra possui dois vieses como signo. O primeiro é que ela pode ser o signo primário ou o signo por si mesmo. O segundo é que ela substancia outros fenômenos ideológicos, aqueles não verbais, como ele mesmo expressa: “Todas as manifestações de criações ideológicas, todos os signos não-verbais, banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas, nem totalmente separadas dele” (Bakthin, 2006, p. 36). Em outras palavras é a ideologia fomentando a ideologia.

Em síntese a esse tópico, principalmente a essa parte final, nenhuma colocação poderia ser mais forte e enfática do que aquela enunciada pelo próprio Bakthin:

Todas as propriedades da palavra que acabamos de examinar – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedade fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias (Bakthin, 2006, p. 36)

Claramente, deixamos de enfatizar algumas dessas propriedades como a neutralidade ideológica e a possibilidade de interiorização. Mas, no geral acreditamos que os aspectos mais relevantes ao que se refere à temática central desse tópico foram evidenciados. O debate proposto por Bakthin nessa obra é rico em detalhes e precisaríamos de mais linhas, tempo e suporte bibliográfico para dirimir um pouco mais de todo o seu esboço teórico. Assim, esperamos que essa discussão tenha contribuído para responder as indagações dos nossos objetivos específicos.

Isto posto, para que possamos adentrar no capítulo seguinte, faz-se necessário evocar um pouco das discussões que colocamos em debate nos capítulos anteriores. Assim, ficará mais fácil conectarmos o que foi debatido até aqui com o conteúdo do tópico seguinte. Desse modo, em referência a temática central dessa pesquisa, na primeira seção discutimos sobre os aspectos conceituais do signo linguístico. Nessa primeira abordagem introduzimos as concepções teóricas conceituais básicas do signo linguístico de Ferdinand de Saussure, Charles Sanders Peirce e Mikhail Bakhtin. Na seção seguinte, discutimos o significado contextual do discurso midiático. Esse debate provocou uma reflexão sobre o texto como signo linguístico e das redes sociais como uma nova ferramenta ou veículo onde ocorre a difusão de ideias por meio do discurso. Para a seção seguinte e que também será o último tema proposto para debate, discutiremos sobre estudo do texto e contexto sob a tutela da educação formal e mais especificamente dentro do ensino da língua portuguesa. Essa discussão será abordada levando em consideração a inserção dos atuais meios de comunicação de massa dentro do processo educacional.

4 REDES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A PRODUÇÃO TEXTUAL NO CONTEXTO DAS NOVAS MÍDIAS

O processo de ensino e aprendizagem é uma dimensão da educação que necessita de uma reflexão contínua para que, assim, possamos entender as mudanças metodológicas que são introduzidas pelas instituições que regem o ensino numa determinado época. Essas mudanças metodológicas acontecem, na maioria das vezes, devido à introdução de novas tecnologias ou de novas ferramentas dentro do processo educacional. Desse modo, as leis que regulam o ensino e naturalmente os debates sobre essas leis precisam se adequar aos novos contextos moldados pela história. Levando isso em conta, destacaremos os documentos oficiais e os estudos atuais que tratam do ensino sob novas perspectivas, principalmente daquelas que tratam do funcionamento educacional em consonância com as novas ferramentas digitais. Nessa perspectiva, deixamos claro que a discussão não é sobre o ensino da língua portuguesa de forma geral, mas, principalmente sobre a relação entre a linguagem das redes sociais e os hábitos de leitura e escrita. Essa leitura e, sobretudo, a escrita no contexto das novas mídias não podem ser debatidas sem a conexão com o signo linguístico, objeto de destaque nessa pesquisa. Pontuadas essas questões, começaremos analisar as tratativas dos documentos oficiais sobre a temática desse capítulo. Dessa maneira, organizaremos esse capítulo em duas seções. Na primeira faremos uma análise da BNCC, mais especificamente sobre a produção textual dentro do ensino da língua portuguesa. Na segunda, abordaremos sobre o leitor e as representações do texto para sua formação no universo das redes sociais.

4.1 A produção de texto a luz da BNCC

Umas das grandes preocupações hoje dentro do ensino da língua portuguesa é, sem dúvida, a dimensão da produção textual. Nessa seção analisaremos a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas. A análise desse documento é importante devido ao fato de que ela dá uma grande relevância ao texto como unidade de trabalho, como podemos observar já em sua parte introdutória:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem de forma a sempre relacionar os textos e seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo ao uso da linguagem em atividades de leitura, escrita e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

Observemos que o documento relaciona o texto aos seus contextos. Essa relação denota também uma preocupação com o crescimento da capacidade interpretativa do aluno. Assim, o desenvolvimento da habilidade da escrita precisa estar em consonância com a elevação da aptidão interpretativa. Desse modo, “cabe o componente da língua portuguesa, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação do letramento de forma a possibilitar a participação criativa e crítica” (Brasil, 2018).

Outro aspecto que não podemos deixar de relacionar quando discutimos a produção de texto é a dimensão da leitura. Todas essas questões estão interligadas ao processo de desenvolvimento da escrita. Alias, poderíamos até afirmar, que em termo de proporção, a leitura é tão ou mais importante do que a própria produção textual. Através da leitura, um leque vasto de conhecimento se abre, estimulando a capacidade intuitiva da percepção de nuances ocultas em textos ou discursos proferido. Esse eixo da leitura é defendido pela redação da BNCC e estabelece o seguinte objetivo:

Relacionar o texto com suas condições de produções, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vistas e perspectivas em jogo, papel social do autor, época gênero do discurso e esfera/ campo em questão etc (Brasil, 2018, p. 72).

É evidente que esse não é o único objetivo proposto pela BNCC. No entanto, talvez seja aquele que melhor se adequa a nossa discussão no momento. Com esse objetivo fica mais fácil explicar a extensão da importância da leitura não apenas no tocante ao que está descrito na redação, mas também ao que se refere à produção textual. A propósito, no mesmo quadro de objetivos, podemos perceber o quanto esta discussão tem a ver com a temática dessa pesquisa: O signo linguístico e redes sociais: a construção do texto e suas representações na formação do leitor. Assim a redação enfatiza, inclusive, as redes sociais como veículo por onde circulam os textos: “Analizar as diferentes formas de compreensão ativa (réplica ativa) dos textos

que circulam nas redes sociais, blogs, microblog, sites e afins" (Brasil, 2018, p. 73). Como se pode notar, as redes sociais ocupam um lugar de destaque, também, nos documentos oficiais que regem o ensino de maneira em geral. Elas fazem parte de um universo que precisa ser compreendido em todos os seus aspectos. Só assim o exercício de quem ensina como de quem aprende pode ser integralizado.

Esse enfoque sobre a leitura pode ser considerado um prefácio da discussão central desse tópico: a produção textual. Alias, em hipótese algumas podemos dissociar uma coisa da outra. Com essa ideia definida, podemos, a partir desse ponto, analisar alguns aspectos da produção textual à luz da BNCC, como prometemos. Contudo, não podemos esquecer um fator importante: o texto é um signo que necessita ser interpretado da forma mais segura possível. Foi por esse motivo, inclusive, que iniciamos essa pesquisa esmiuçando o conceito de signo linguístico. Essa estratégia possibilitou que pudéssemos compreender, não apenas o conceito de signo, mas também entender que o texto é, acima de tudo, um signo linguístico.

Dito isto, a BNCC trata da produção de texto, não apena como algo que se deve produzir, mas também como um objeto que precisa ser decodificado sobre vários aspectos. É o que podemos observar no fragmento a seguir:

Analizar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e a imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo; ao leitor pretendido; ao veículo ou mídia em que o texto ou produção cultural vai circular; ao contexto imediato ao contexto sócio histórico mais geral. Ao gênero do discurso/campo de atividade em questão (Brasil, 2018, p. 77).

Esse fragmento precisa ser analisado de forma compartmentada. Assim, quando se discute a questão do lugar social, infere-se algo como posição espacial. Desse modo, "Nunca poderemos falar "de lugar nenhum", dado que podemos falar (ou mais amplamente agir) somente invocando os meios mediacionais que estão disponíveis no kit de ferramentas culturais fornecido pelo contexto sociocultural no qual operamos" (...) (Wertsch et al., 1998, p. 31). Com isso, o que podemos pensar é que todo texto é produto, não apenas de um tempo, mas também de um lugar físico ou espacial. Outra questão na análise do texto é o leitor pretendido. Muitas vezes, esse debate se apresenta um pouco mais complexo do que parece. Em sua obra *Que é a literatura?* (2004) no segundo capítulo, intitulado de Para quem se escrever,

Sartre evoca as seguintes palavras:

Dissemos que o escritor se dirigia, em princípio, a todos os homens. Mas logo em seguida observamos que lido somente por alguns. Da distância entre o público ideal e o público real nasceu a ideia de universalidade abstrata. Isso significa que o autor postula a perpétua repetição num futuro indefinido, daquele punhado de leitores de que dispõe no presente (Sartre, 2004, p. 116).

Evidentemente, em comparação com essa passagem da obra do escritor francês, a BNCC trata de forma bem mais superficial essa questão. No entanto, nada nos impede de aprofundar essa discussão com estudos relevantes, mesmo porque, quanto mais reflexões uma pesquisa provocar, mais amplitude ela pode atingir. Acreditamos, contudo, que a BNCC, refere-se ao público ideal, ou melhor dizendo, leitor ideal de um determinado texto e naturalmente de quem escreve. No final, o direcionamento é uma característica necessária de qualquer texto.

Outro fator que merece destaque nessa análise sobre a produção de texto à luz da BNCC é o veículo ou mídia em que o texto ou produção cultural vai circular. Lembremos que essa temática é parte central dessa pesquisa e por isso precisamos resguardar tempo e espaço para essa discussão. Como qualquer signo, o texto depende de um veículo para chegar ao público pretendido. Assim, caso fôssemos discutir essa questão de maneira geral, deveríamos, necessariamente, incluir a mídia impressa, além do rádio e TV. No entanto, limitaremos essa discussão às mídias sociais, aquelas ligadas ao surgimento da internet.

Nessa perspectiva, quem faz parte do sistema educacional precisa ter ciência de que a internet possui paradigmas próprios e com isso as técnicas e metodologias precisam ser reavaliadas. Com seus mecanismos e ferramentas próprias, toda prática humana precisou passar por uma reconstrução, inclusive a produção textual. Cereja e Magalhães descrevem bem o processo da construção textual levando-se em consideração a internet:

Na internet o processo de ler e escrever um texto deixou de ser linear, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo, um procedimento de cada vez. O internauta pode, simultaneamente ao processo de leitura de um texto, acessar links, ler outros textos, ouvir música, examinar imagens e planilhas, redigir e-mails e, finalmente, voltar a ler o texto que foi ponto de partida para uma série de operações e de interações pela internet (Cereja e Magalhães, 2018, p. 201).

Essa nova dinâmica do processo de leitura e escrita promovida pela internet provoca, muitas vezes, uma certa apreensão entre aqueles que ainda não absorveram a inserção das ferramentas digitais no processo de ensino e aprendizagem. Por isso mesmo, a BNCC tem como uma de suas prerrogativas, no eixo da produção textual, a análise do veículo ou mídia em que o texto ou produção cultural vai circular.

De todo modo, quando fazemos uma análise das redes sociais, levando em consideração a dimensão pedagógica, encontramos na literatura atual alguns estudos que legitimam o uso dessas ferramentas interativas como instrumentos didáticos. Vejamos a seguir uma defesa enfática desses veículos interativos.

As redes sociais oferecem um imenso potencial pedagógico. Elas possibilitam o estudo em grupo, troca de conhecimento e aprendizagem colaborativa. [...] cabe ao professor o papel de saber utilizá-las para atrair o interesse dos jovens nos uso dessas redes sociais favorecendo sua própria aprendizagem de forma interativa e coletiva (Bohn, 2009, p. 01).

Essa defesa das redes sociais, podemos encontrar também na própria redação da BNCC. Na sessão onde trata das competências específicas da língua portuguesa para o ensino fundamental, o item dez faz a seguinte abordagem:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo realizar diferentes projetos autorais (Brasil, 2018, p. 87).

Com essa abordagem sobre as competências específicas da língua portuguesa, encerramos as discussões desse tópico. Contudo, antes de passarmos ao tópico seguinte, é importante fazermos algumas ressalvas sobre o conteúdo o qual acabamos de discutir. Assim, é factível a importância dada que esse documento concede a produção textual. Juntamente com a leitura, o estudo do texto é colocado como parâmetro para o desenvolvimento do educando. Não que o documento não coloque em evidência, também, outras habilidades, mas é a prática da leitura e a produção textual que norteiam não apenas o desenvolvimento da aprendizagem, mas também a prática social. Na parte final dessa pesquisa, discutiremos sobre o

leitor e as representações do texto para sua formação no universo das redes sociais.

4.2 A formação do leitor e as representações do texto no universo das redes sociais

Nessa última sessão, a discussão se voltará para os três elementos dessa pesquisa: o leitor, o texto e as redes sociais. Desse modo, dividiremos esse tópico em duas partes. Primeiro, abordaremos sobre a formação do leitor e em seguida, debateremos sobre as representações do texto no universo das redes sociais.

4.2.1 A formação do leitor

Umas das discussões centrais no sistema educacional hoje é, sem dúvida, a formação do leitor. Geralmente os debates partem de dois questionamentos: como se forma um leitor? E qual o papel da escola na formação do leitor. No entanto, esses dois questionamentos não podem ser debatidos sem a introdução de outra grande problemática: qual o papel da família na formação dos leitores? Para entendermos esse quadro geral é necessário partir desses três questionamentos e, obviamente, eles precisam estar em consonância. Esse último, inclusive, é o ponto de partida desse debate. Assim, quando falamos em papel da família como ferramenta integrante no processo de formação do leitor, estamos enfatizando que a prática de ensino começa ainda longe do ambiente escolar. Esse ambiente precisa ser receptivo à leitura e com o envolvimento integral da família:

Se as crianças são criadas em um ambiente receptivo à leitura, em contato ativo com materiais que sugerem a recepção de textos é provável que no futuro ela conserve o gosto de ler. Se ao contrário a família não se envolver será mais difícil o trabalho dos professores (Raimundo, 2009, p. 111-112).

Essa prática da leitura começa com a educação informal, daquele acompanhamento mais próximo dos pais. O hábito da leitura é um processo que precisa ser estimulado de forma contínua, para que, assim, a criança transforme esse hábito num impulso para desenvolver todas as capacidades que a leitura proporciona.

A criação desse ambiente receptivo à leitura é apenas o primeiro degrau para

que o progresso da criança se estabeleça em sua formação para além da vida familiar. A educação é como uma escada que precisa ser superada degrau por degrau. O estímulo à leitura, como enfatizamos, é apenas o primeiro degrau. Após essa etapa, há a necessidade de se preocupar com outros fatores que, se bem trabalhados, podem contribuir bastante com o desenvolvimento cognitivo da criança. Vejamos em seguida uma reflexão sobre essa questão:

Uma preocupação que se deve ter é a de não formar apenas leitores, mas leitores críticos, fornecendo ao aluno conhecimento que o faça um produtor de significados, capaz de lidar com todos os gêneros textuais, não só na escola, mas também na sociedade em que está inserido (Raimundo, 2009, p. 113).

Essa questão gera intensos debates nos dias de hoje, principalmente devido à utilização da internet. Anos atrás, quando a internet não fazia parte da vida das pessoas, o acesso aos textos era mais difícil. Assim, o surgimento das redes sociais produziu reflexões mais frequentes sobre a capacidade do leitor se relacionar com o texto com uma postura mais crítica. Nessas redes sociais, a produção textual tornou-se banalizada, onde encontramos nesse universo os mais variados gêneros textuais e que muitas vezes possuem intenções que precisam de um maior senso crítico do leitor. Dessa maneira, trazemos uma reflexão sobre a leitura crítica a qual precisa ser trabalhada pelos professores de língua portuguesa em sala de aula:

A multiplicidade de leituras que permeiam a sociedade atual possibilita também um maior número de alternativas de trabalho com a leitura ao professor, são: outdoor, folhetos, panfletos, blogs, imagens, animações, filmes, curtas, redes sociais, propagandas, etc. todos esses gêneros discursivos, independente do canal de veiculação transmite algo de uma esfera social em prol de um objetivo. Fazer o aluno enxergar essas especificidades e oportunizar a inserção deste sujeito na sociedade (Oliveira e Franco, 2002, p. 7).

Ressaltamos aqui importância da educação formal para estabelecer essa ponte entre o leitor e os diferentes gêneros discursivos. A cima, discutimos sobre os perigos dos textos que veiculam nas redes sociais. Contudo, olhando o cenário de forma positiva, percebemos que essa multiplicidade de material vem dando uma nova dinâmica ao trabalho dos professores. Os gêneros encontrados nos mais diferentes canais de veiculação, apresentam-se como recursos complementares ao livro didático que facilitam tanto o ensino como a aprendizagem. Enfim, como já

destacamos antes, quando discutimos a BNCC, não é possível dissociar a leitura da escrita. No final, a leitura proporciona, no mínimo, duas coisas importantes: desenvolvimento da escrita e elevação da capacidade interpretativa. Isso sem falar no desenvolvimento do senso crítico e no estímulo da criatividade e da imaginação.

No tópico seguinte e que também será a última sessão dessa pesquisa, abordaremos sobre as representações do texto no universo das redes sociais. Na prática, a sessão a qual estamos concluindo introduz o tópico seguinte, afinal, entender o significado textual nas redes sociais depende de leitores críticos e que saibam perceber as intenções por trás de cada palavra.

4.2.2 As representações do texto para o leitor no universo das redes sociais

Na sessão anterior levantamos uma discussão sobre a formação do leitor. Assim, o debate se concentrou nos elementos que contribuem, não apenas para formação de um leitor, mas, sobretudo, para a formação de um leitor que seja crítico, cima de tudo. Discutiremos agora sobre o texto e o que ele pode representar para o leitor quando veiculado às redes sociais. Assim, quando utilizamos a palavra representar, queremos passar a ideia de subjetividade do texto quando lido a partir de diversas perspectivas. Essa subjetividade pode ser ligada a ideia de significado, já que numa perspectiva simbólica, o texto pode ter várias representações, dependendo de quem lê. Essas representações ou significados fazem parte das características de um texto porque este “compõe um sistema semiológico na medida em que se apropria dos elementos do sistema linguístico e se converte em um significante que adquire uma atualização” (Fonseca, 1975, p. 40).

Imbuídos com a ideia de que o texto é um signo e desse modo sempre significa algo, geralmente se questiona o que pode significar um determinado texto quando veiculado nas redes sociais. A discussão sobre esse questionamento envolve um aprofundamento da ideia não apenas do texto mais também do contexto. Dessa maneira para Fonseca (1975), “o texto é matéria formal que presentifica algo além dele. Enquanto o contexto seria a substância exarada pelo texto, e que o preserva como ficção, e o espaço onde ele se realiza”. Partindo desse ponto, podemos concluir que o texto é construído permeado de significados e que, necessariamente, precisa ser decodificado. Assim, a prática da leitura, permiti-nos adentrar no contexto de um discurso e perceber a intenção ou o direcionamento o

qual o autor pretende dar ao que proferiu ou escreveu.

Essa conjectura informativa sobre o texto, juntamente com o espaço onde ele se realiza, leva-nos a discutir três questões essências que são objetos da linguística, principalmente quando se trata de signo linguístico: a informação, o veículo e o significado. Para enfatizar esses três elementos, encontramos no trabalho intitulado de *O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital* (2007) a seguinte redação:

A informação é a transmissão de mensagens que possuem um significado comum entre o emissor (quem produz a mensagem) e um sujeito (quem recebe a mensagem), por meio de um suporte tecnológico que faz a mediação dessa mensagem. Toda informação é dotada de consciência, objetivo e finalidade ao ser transmitida do emissor para o interlocutor (Kohn e Moraes, 2007, p. 2).

Kohn e Moraes resgatam o paradigma do emissor, mensagem e receptor e o expõe de forma mais didática. Mais adiante especificam o veículo a partir do qual a informação chega ao receptor e por fim, pontuam as características básicas de toda informação ao ser transmitida. Essas características da informação pontuadas a cima, podem, inclusive, servirem de base para enriquecermos nosso debate sobre o texto e o seu significado para o leitor, só não podemos deixar de inserir nesse debate a questão do suporte tecnológico como veículo.

Comecemos então, discutir a exposição de Kohn e Moraes sobre a informação. No entanto, não devemos esquecer que toda informação não pode ser analisada fora da estrutura de um texto, seja ele escrito ou discursivo. Assim, quando consideramos que um texto informativo é dotado de consciência, estamos aceitando que o texto sempre se relaciona com alguma coisa ou temática, nesse caso. Contudo, essa relação pode não ser clara e nessa situação irá depender da percepção do leitor para visualizar nas entrelinhas os objetivos e finalidade de uma informação contida em determinado texto. Quanto a esses objetivos e finalidade, são preocupações que precisam ser levadas em consideração quando nos deparamos com um texto. Questiona-se então: o texto transmite informações sem juízo de valor? Expõe um tema e defende uma opinião? Ou refere-se a fatos, pessoas, assuntos e outros aspectos da vida real? Tudo isso precisa ser levado em consideração quando analisamos as representações de um texto para o leitor.

Até aqui, a abordagem foi inteiramente voltada ao texto e suas características.

Mas e o veículo ou suporte tecnológico a partir do qual esses textos chegam ao leitor? Assim, não poderíamos concluir essa pesquisa sem colocar em evidência uma reflexão sobre as redes sociais. Desse modo, iniciemos por uma definição do antigo Twitter encontrada nos estudos de Santaella e Lemos. Essa definição é importante porque incorpora muitos atributos da maioria das redes sociais.

É um ambiente digital que possui uma dinâmica singular de interação social. Isso se dá por diversos motivos. Suas funcionalidades fazem com que uma ideia possa se reproduzir de forma viral e instantânea ao redor do planeta em questão de segundos. A conectividade always on é, de forma cada vez mais abrangente, o fio invisível que se multiplica entrelaçando consciências, espaços, perguntas (Santaella; Lemos, 2010, p. 4).

O Twitter não existe mais, foi comprado e passou por algumas mudanças, inclusive de nome. Contudo, esse conceito poderia ser utilizado na maioria das redes sociais. Assim, a grande mudança provocada pelas redes no que se refere à interação social foi, com certeza, a universalização da conectividade e interatividade. Se antes o alcance de uma informação era limitado, com o advento dessas novas ferramentas digitais, o poder do emissor foi ampliado. Além disso, são perceptíveis as consequências na produção textual. Por isso mesmo, segundo Daluz (2012) é necessário que as pessoas se esforcem para compreender melhor essa nova configuração que envolve as novas tecnologias:

É necessário compreender as tecnologias de informação como meios de produção de sentido entre interlocutores, considerando seus textos e leituras como interação entre sujeitos, com suas posições no mundo sobre o mundo. Bem utilizadas, com a criticidade necessária, a tecnologia pode ser uma possibilidade de expandir e compartilhar conhecimento e produções (Daluz, 2012, p. 160).

Essa exposição evidencia um debate que acontece de forma constante no mais diferentes cenários, principalmente nos acadêmicos. De um lado, temos a produção textual e naturalmente as leituras. Do outro, a utilização das plataformas digitais como possibilidades de compartilhar conhecimento e produções. De todo modo, devido o alcance e a configuração das redes sociais, muito se questiona sobre o processo de adequação da educação ao universo cibercultural. Geralmente são muitas as informações para serem absorvidas e uma gama quase infinita de tipologias textuais disponíveis nesses canais. Essa estrutura demanda uma reflexão

sobre quem pode mediar a relação entre estudante e os conteúdos disponíveis nas redes sociais, nesse caso a escola e mais especificamente o professor. Sobre este, Vasconcelos faz a seguinte observação:

Caberá ao educador investigar dentre os vários recursos da rede virtual, quais deles possam ter um valor consideravelmente eficaz no processo de ensino e de aprendizagem. Quais deles melhor contribuem para que os alunos passem da passividade para a atividade. Mais do que utilizar os recursos disponíveis no panorama sociomundial, ou se apropriar das ferramentas tecnológicas, um dos principais objetivos do ensino é o de conseguir que os professores estabeleçam entendimento e reflexão no que concerne às mudanças tecnológicas. Isso transita pelo papel do professor investigador-colaborador (Vasconcelos, 2010, p. 30).

Ajudar na construção da relação entre o aluno e as ferramentas tecnológicas, principalmente as redes sociais é uma das grandes questões presentes no sistema educacional hoje. Para o professor de português, então, o cenário é ainda mais desafiador. Esse movimento de passagem de uma condição de passividade para a de atividade, quando a questão é a relação do aluno com o texto, pode não ser uma ação fácil de ser executada e precisa, sobretudo, de conhecimento de causa sobre a virtualização de parte do processo de ensino e da capacidade adaptativa para acompanhar as frequentes mudanças trazidas pelas novas tecnologias digitais.

Enfim, tudo é uma questão de adaptação. Lembremos que a educação, como sistema, sempre muda e vai continuar mudando. Desse modo, a prática da leitura e produção textual precisam ser reconfiguradas à medida que novas tecnologias se inserem no contexto educacional. Além disso, mais que formar leitores, é basilar que se forme leitores críticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre a estrutura do texto e naturalmente sobre a prática da leitura ocupa um espaço considerável no sistema educacional brasileiro atualmente. Percebemos esse enfoque nessas duas dimensões nas tratativas ou documentos oficiais que regem o ensino de língua portuguesa no Brasil. Assim, discute-se principalmente, sobre os elementos básicos do texto, influência e estrutura, clareza e coesão. No entanto, faz-se necessário incorporar, as essas discussões, outras questões que surgem de forma natural como consequência do incremento de novas tecnologias, não apenas ao processo de ensino e aprendizagem, mas na própria vida cotidiana das pessoas.

Partindo desse contexto é que surgiu a ideia de trabalhar uma temática que envolvesse o texto, o leitor e as redes sociais como objetos centrais em discussão. Obviamente, como trabalhamos nessa pesquisa o texto a partir de seus significados ou representações, como está descrito no título, foi necessário incluir o signo linguístico como parte da pesquisa, afinal o que é o texto senão um signo linguístico composto por palavras que representam significados.

Procuramos então, a partir dos objetivos traçados, responder aos questionamentos os quais foram propostos e colocados em discussão. Dessa maneira, na primeira sessão abordamos sobre os aspectos conceituais e teóricos do signo linguístico. Procuramos, portanto, a partir de Saussure, Peirce e Bakthin colocar em evidência três conceitos diferentes de signo linguístico. Após esse primeiro momento, levantamos uma discussão sobre as redes sociais e o significado contextual do discurso midiático. Assim, analisamos primeiramente o canal ou veículo e em seguida o texto em forma de discurso. Para essa análise, duas abordagens teóricas foram de grande valia: a construção social do discurso de Foucault e a palavra objetivada como signo ideológico de Bakthin. Por último e não menos importante, buscamos na temática central dessa pesquisa o pano de fundo para discutirmos sobre a formação do leitor e as representações do texto no universo das redes sociais. A fundamentação básica utilizadas na redação dessa última parte foi a BNCC e outros textos encontrados em nossa literatura que tratam do assunto.

Em conclusão, a percepção deixada ao final dessa pesquisa, é que os objetivos sintetizados ainda no projeto foram alcançados. Esperamos que esse

trabalho sirva de inspiração para que novas pesquisas sobre o assunto sejam realizadas e assim outras problemáticas fomentem novas discussões. Afinal, as questões discutidas nessa pesquisa ainda estão longe de serem esgotadas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. Prefácio Roman Jakobson. Apresentação Marina Yaguello. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOHN, Vanessa. **As redes sociais no ensino: ampliando as interações sociais na web.** Disponível em: . Acesso em: 11 set. 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- CEREJA, Willian Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens:** volume I. 6^a ed. reform. – São Paulo: Atual, 2008.
- DALUZ, Liliane Balonecker. Redação, professora?! Ah não!!! **Dialogando com as crianças em suas produções em sala de aula e na Internet.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: . Acesso em: 22 dez. 2022
- FONSECA, C. A. da. (1975). **O signo entre o texto e o contexto (projeto de uma análise integral).** *Língua E Literatura*, 4(4), 33-58.
- FOUCAULT, **A ordem do discurso.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, SP : Edições Loyola, 2006.
- KOHN, K. Moraes, C.H. **O impacto das novas tecnologias na sociedade:** conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. Santos, 2007.
- LEVY, Pierri. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1^a edição. São Paulo-SP. Editora 34, 1999.
- OLIVEIRA, R. M. G. de; FRANCO, S. A. P. **Leitura e prática social inicial: contribuições para o ensino.** X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. p. 1-19.
- PEIRCE, Charles Sanders, “**Semiótica**”, São Paulo, Editora Perspectiva, 2000.
- RAIMUNDO, A. P. P. **A mediação na formação do leitor.** CELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá, 2009, p. 107-117.
- SANTAELLA, Lúcia. “**Semiótica Aplicada**”, São Paulo, Editora Thomson, 2005.
- SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **A cognição cognitiva do Twitter.** São Paulo: Paulus, 2010.
- SARTRE, J-P. **Que é Literatura?** São Paulo: Editora Ática, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VASCONCELOS, Z. B. das C. **Uso do microblog e Twitter como recurso didático na visão docente.** Dissertação de mestrado. Fortaleza. 2010. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=62869>

WERTSCH, J.V.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. **Estudos socioculturais: história, ação e mediação.** In: WERTSCH, J.V.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. (Orgs.). Estudos socioculturais da mente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 11-38.